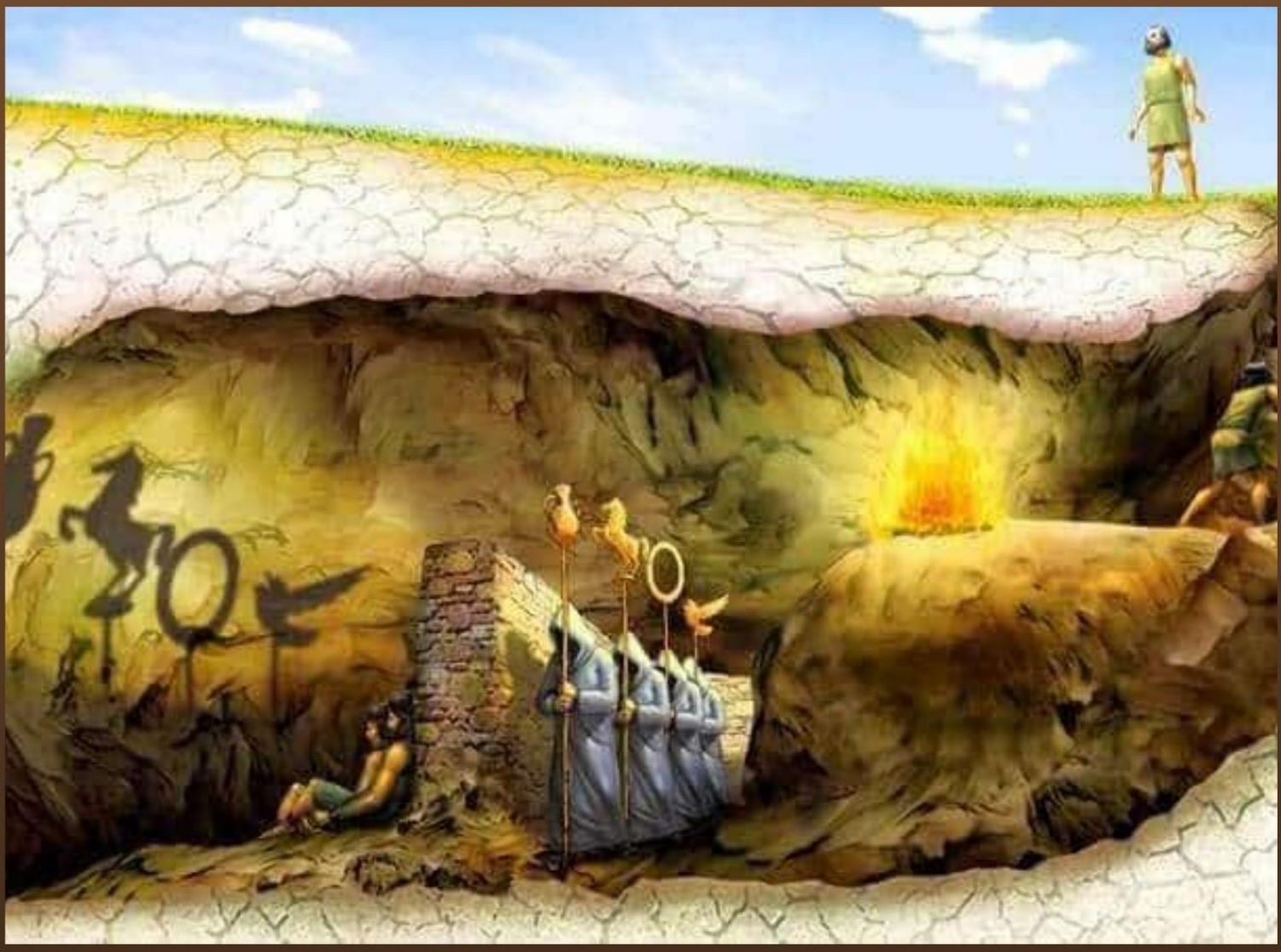
ALEGORIA DA CAVERNA

PLATÃO



EXTRAÍDO DE "A REPÚBLICA"

Sinopse

A Alegoria da Caverna, um dos trechos mais célebres de *A República* de Platão, apresenta um diálogo filosófico profundo sobre a natureza da realidade, do conhecimento e da ignorância.

Nesta metáfora, prisioneiros acorrentados desde o nascimento enxergam apenas sombras projetadas na parede da caverna, acreditando que essa é a única realidade existente.

A libertação de um deles e sua jornada para o mundo exterior simbolizam a busca pelo conhecimento verdadeiro e a difícil aceitação da verdade.

Este eBook apresenta a alegoria em sua íntegra, organizando suas principais ideias e explorando sua influência no pensamento cristão, especialmente na filosofia de Santo Agostinho.

Inspirado pelo platonismo, Agostinho interpretou essa metáfora à luz da teologia cristã, associando a ascensão ao mundo exterior à iluminação divina e ao papel de Deus como fonte suprema da verdade.

Uma leitura essencial para aqueles que buscam compreender a relação entre filosofia e fé na busca pelo conhecimento e pela verdade.

A Prisão na Caverna

Sócrates – Figura-te agora o estado da natureza humana em relação à ciência e à ignorância sob a forma alegórica que passo a fazer.

Imagina os homens encerrados em uma morada subterrânea e cavernosa, que dá entrada livre à luz em toda sua extensão. Aí, desde a infância, têm os homens o pescoço e as pernas presos de modo que permanecem imóveis e só veem os objetos que lhes estão diante. Presos pelas cadeias, não podem voltar o rosto.

Atrás deles, a certa distância e altura, há um fogo cuja luz os ilumina. Entre o fogo e os cativos, imagina um caminho escarpado, ao longo do qual um pequeno muro parecido com os

tabiques que os marionetistas põem entre si e os espectadores para ocultar-lhes os mecanismos dos bonecos maravilhosos que exibem.

Glauco – Imagino tudo isso.

Sócrates – Supõe ainda homens que passam ao longo deste muro, carregando figuras e objetos que se elevam acima dele, figuras de homens e animais de toda espécie, talhados em pedra ou madeira. Entre os que carregam tais objetos, uns se entretêm em conversa, outros guardam silêncio.

Glauco – Um cenário peculiar e cativos não menos singulares!

As Sombras e a Ilusão da Realidade

Sócrates – Pois são nossa imagem perfeita. Mas, dize-me: assim colocados, poderão ver de si mesmos e de seus companheiros algo mais que as sombras projetadas, à claridade do fogo, na parede que lhes fica à frente?

Glauco – Não, uma vez que são forçados a ter imóveis a cabeça durante toda a vida.

Sócrates – E dos objetos que lhes ficam por detrás, poderão ver outra coisa que não as sombras?

Glauco – Não.

Sócrates – Ora, supondo-se que

pudessem conversar, não te parece que, ao falar das sombras que veem, lhes dariam os nomes que elas representam?

Glauco – Sem dúvida.

Sócrates – E, se, no fundo da caverna, um eco lhes repetisse as palavras dos que passam, não julgariam certo que os sons fossem articulados pelas sombras dos objetos?

Glauco – Claro que sim.

Sócrates – Em suma, não creriam que houvesse nada de real e verdadeiro fora das figuras que desfilam diante deles.

Glauco – Necessariamente.

A Libertação e a Dor da Verdade

Sócrates – Vejamos agora o que aconteceria se se livrassem a um tempo das cadeias e do erro em que viviam. Imaginemos um destes cativos desatado, obrigado a levantar-se de repente, a volver a cabeça, a andar, a olhar firmemente para a luz.

Não poderia fazer tudo isso sem grande dificuldade; a luz, sobre ser-lhe dolorosa, o deslumbraria, impedindo-lhe de discernir os objetos cuja sombra antes via.

Que te parece que ele responderia a quem lhe dissesse que até então só havia visto fantasmas, porém que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, via com mais perfeição? Supõe agora

que, apontando-lhe alguém as figuras que lhe desfilavam ante os olhos, o obrigasse a dizer o que eram. Não te parece que, na sua grande confusão, se persuadiria de que o que antes via era mais real e verdadeiro que os objetos ora contemplados?

Glauco – Sem dúvida nenhuma.

Sócrates – Obrigado a fitar o fogo, não desviaria os olhos doloridos para as sombras que poderia ver sem dor? Não as consideraria realmente mais visíveis que os objetos ora mostrados?

Glauco – Certamente.

A Ascensão ao Mundo Exterior

Sócrates – Se o tirassem depois dali, fazendo-o subir pelo caminho áspero e escarpado, para só o liberar quando estivesse lá fora, à plena luz do sol, não é de crer que daria gritos lamentosos e brados de cólera?

Chegando à luz do dia, olhos deslumbrados pelo esplendor ambiente, ser-lhe-ia possível discernir os objetos que o comum dos homens tem por reais?

Glauco – A princípio, nada veria.

Sócrates – Precisaria de algum tempo para se afazer à claridade da região superior. Primeiramente, só discerniria bem as sombras, depois, as imagens dos homens e outros seres

refletidos nas águas; finalmente, erguendo os olhos para a lua e as estrelas, contemplaria mais facilmente os astros da noite que o pleno resplendor do dia.

Glauco – Não há dúvida.

Sócrates – Mas, ao cabo de tudo, estaria, decerto, em estado de ver o próprio sol, primeiro refletido na água e nos outros objetos, depois visto em si mesmo e no seu próprio lugar, tal qual é.

Glauco – Fora de dúvida.

A Compreensão do Bem

Sócrates – Refletindo depois sobre a natureza deste astro, compreenderia que é o que produz as estações e o ano, o que tudo governa no mundo visível e, de certo modo, a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

Glauco – É claro que gradualmente chegaria a todas essas conclusões.

Sócrates – Recordando-se então de sua primeira morada, de seus companheiros de escravidão e da ideia que lá se tinha da sabedoria, não se daria os parabéns pela mudança sofrida, lamentando ao mesmo tempo a sorte dos que lá ficaram?

Glauco – Evidentemente.

O Retorno à Caverna

Sócrates – Se na caverna houvesse elogios, honras e recompensas para quem melhor e mais prontamente distinguisse a sombra dos objetos, que se recordasse com mais precisão dos que precediam, seguiam ou marchavam juntos, sendo, por isso mesmo, o mais hábil em lhes predizer a aparição, cuidas que o homem de que falamos tivesse inveja dos que no cativeiro eram os mais poderosos e honrados?

Não preferiria mil vezes, como o herói de Homero, levar a vida de um pobre lavrador e sofrer tudo no mundo a voltar às primeiras ilusões e viver a vida que antes vivia?

Glauco – Não há dúvida de que

suportaria toda a espécie de sofrimentos de preferência a viver da maneira antiga.

Sócrates – Pois agora, meu caro Glauco, é só aplicar com toda a exatidão esta imagem da caverna a tudo o que antes havíamos dito.

O antro subterrâneo é o mundo visível. O fogo que o ilumina é a luz do sol.

O cativo que sobe à região superior e a contempla é a alma que se eleva ao mundo inteligível.

Nos extremos limites do mundo inteligível está a ideia do Bem, a qual só com muito esforço se pode conhecer, mas que, conhecida, se impõe à razão como causa universal

de tudo o que é belo e bom, criadora da luz e do sol no mundo visível, autora da inteligência e da verdade no mundo invisível, e sobre a qual, por isso mesmo, cumpre ter os olhos fixos para agir com sabedoria nos negócios particulares e públicos.

Extraído de "A República" de Platão . 6° ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291

Influência na Cultura Ocidental

A Alegoria da Caverna de Platão influenciou profundamente o pensamento de diversos filósofos cristãos, especialmente Santo Agostinho.

Santo Agostinho adaptou a Alegoria da Caverna para explicar sua doutrina da iluminação divina.

Para ele, o conhecimento verdadeiro não é alcançado apenas pelos sentidos, mas através de uma iluminação interna proporcionada por Deus.

Assim como na alegoria, onde os prisioneiros precisam se libertar das sombras para ver a luz real, Agostinho acreditava que a alma humana deve se libertar das ilusões sensoriais para

contemplar a verdade divina.

Ele afirmou que *"ninguém ama o que não conhece"*, enfatizando a importância do conhecimento para alcançar o amor verdadeiro.

Esse pensador cristão utilizou a Alegoria da Caverna para ilustrar a jornada espiritual da alma humana, que deve transcender as aparências enganosas do mundo material e buscar a verdade eterna em Deus.

PUBLIC
DOMAIN